

EXPRESSIONES COM HISTÓRIA

Alice Vieira

Ricardo Cabral



Texto

EXPRESSIONES COM HISTÓRIA

Alice Vieira

Ricardo Cabral

Não perceber patavina	10
Tirar o pai da força	13
Com sete pedras na mão	14
Andar à nora	16
Ouvidos de mercador	18
Cor de burro quando foge	21
Dar a mão à palmatória	22
À grande e à francesa	24
Para inglês ver	26
Um erro crasso	29
Quem tem boca, vai a Roma	30
Maria vai com as outras	32
Doutor da mula ruça	34
Ir para o maneta	36
Dos quatro costados	39
Calcanhar de Aquiles	40
Correr Ceca e Meca	43
Pôr as mãos no fogo	44
Água vai	46
Ser calhandreira	48
OK	51
Eureka!	52
Brilhar pela ausência	54
Ficar a ver navios	56
A pensar morreu um burro	58
Velho do Restelo	60
De pequenino se torce o pepino	62
Passar de cavalo para burro	64
Tirar o cavalinho da chuva	67
Sem papas na língua	68

Tudo começou quando uma noite, ao jantar, o meu pai, pelo meio da conversa, disse uma frase que eu não entendi, e eu lembrei-me de exclamar:

– O quê?!

Eu já devia saber que nunca se pergunta «o quê?» a um adulto, porque de repente todos descobrem a sua vocação para professores e ficam horas a explicar.

Nós já percebemos tudo – e eles ainda explicam.

Nós já saímos da sala – e ainda os ouvimos a explicar.

Nada a fazer, adulto é assim mesmo.

E a partir dessa noite, mesmo que eu não perguntasse «o quê?», assim que alguém lá de casa dizia uma frase mais estranha, aproveitava logo para me dar uma lição.

Aqui para nós, que eles não me ouvem, confesso: às vezes até tinham graça...

E sempre servia para eu me armar em bom com a setôra de Português, que está sempre a dizer que eu tenho falta de leituras...





Não perceber patavina

Os meus pais gostam sempre de assistir ao telejornal. Não sei que graça é que lhe acham, mas pronto.

Mas naquela noite o meu pai parecia não estar a achar graça nenhuma.

Levantou-se do sofá e, meio aborrecido, disse:

– Vou-me embora, que não estou a perceber patavina...

– Não estás a perceber o quê?! – exclamei eu.

Então ele voltou a sentar-se e explicou:

– Há muitos anos...

– No tempo dos dinossáurios, pai?

– Não, no tempo dos Romanos.

(Cá para mim, dinossáurios ou Romanos é quase a mesma coisa...)



– ...a cidade de Pádua...

– Onde morreu Santo António! – disse logo a Avó Helena, que tem estátuas do santo pelo quarto todo, para ver se a minha tia se casa. Parece que o santo é muito casamenteiro...

– Não complique, mãe! – disse o pai, retomando a explicação. – Dizia eu que em tempos antigos a cidade de Pádua chamava-se Patavium. E havia um grande escritor, Tito Lívio, natural dessa cidade, que foi acusado de utilizar nos seus escritos palavras que só se usavam na sua terra e que as pessoas, em Roma, não entendiam. «Patavinadas», diziam eles. Ou seja: palavras de Patavia. E daí nasceu a expressão «não perceber patavina».

E logo a minha mãe:

– Posso agora eu acrescentar qualquer coisa? A minha história não mete o Tito Lívio, mas acho que também é verdadeira: sempre ouvi dizer que a expressão



tinha cá nascido, na Idade Média, quando começaram a chegar a Portugal muitos frades vindos de Pádua. As pessoas ouviam-nos e não entendiam nada. Daí o «não perceber patavina». Ou seja, não entender os patavinos.

– Digamos que estarão as duas certas – disse o meu pai.

Fez-se silêncio.

– Percebeste? – perguntou a minha mãe.

Acenei com a cabeça e fui para o quarto.

Mas ainda ouvi o meu pai murmurar: «tenho a impressão de que não percebeu patavina...», antes de regressar ao telejornal.



Tirar o pai da força

– Alguém sabe se aconteceu alguma coisa à vizinha de cima? – perguntou a minha mãe. – Eu ia a sair de casa e ela passou por mim na escada numa tal correria que parecia que ia tirar o pai da força!

Abri os olhos, assustado.

– O pai da D. Augusta vai ser enforcado?

– Estou farta de dizer que esta criança anda a ver televisão a mais... – disse a Avó Helena.

A minha mãe encolheu os ombros e disse:

– Não, acalma-te que hoje já ninguém é enforcado! Dizemos «aquele vai tirar o pai da força» quando alguém passa por nós em grande correria. E isso tem que ver com uma história que se conta...

– ...de Santo António! – disse logo o pai, rindo.

– Exatamente – disse a mãe, que continuou. – Conta-se que no tempo em que ele vivia em Pádua...

– Que então se chamava Patávia! – exclamei eu logo, para mostrar que tinha aprendido alguma coisa.

– Muito bem! Pois então foi em Pádua que um dia Santo António sentiu que alguém o chamava de Lisboa.

– Que alguém o chamava, como? Nessa altura não havia telemóveis, pois não? Todos se riram.

Detesto que se riam de mim.

– Nem telefones, nem telegramas – acrescentou a mãe.

– Sentiu... – disse o pai. – Nunca ouviste a tua avó Sara dizer «tive um pressentimento»?

É assim qualquer coisa que se sente e não se consegue explicar.

– E Santo António – continuou a mãe – sentiu que o pai corria grande perigo em Lisboa. Então enfiou o capuz na cabeça e sentou-se a um canto a meditar. E de repente, no meio da meditação, viu-se na cidade de Lisboa, onde o pai ia ser enforcado por ter sido acusado injustamente de ter matado um homem. Conta-se que então Santo António conseguiu o milagre de ressuscitar o homem, que contou a verdade, e o pai de Santo António foi libertado. E logo nessa altura Santo António viu-se de novo a um canto da igreja de Pádua, como se nunca de lá tivesse saído. As pessoas da terra juraram mesmo que ele nem se tinha mexido daquele lugar, e passara o dia todo embrulhado no seu hábito, em meditação.

– Milagre do santo... – murmurou a Avó Helena.

Pelo sim pelo não, ao sair da sala, ainda fui até à escada, ver se por acaso a D. Augusta não estaria lá num canto, a meditar...

Com sete pedras na mão

O que a vizinha Augusta tinha de tão urgente a fazer, nunca ninguém soube.

– Não sou de me meter na vida dos outros – disse a minha mãe –, mas desde esse dia em que passou por mim a correr, nunca mais foi a mesma. E fala a todos os vizinhos com sete pedras na mão!

– E também tem fisga? – perguntei logo. – E será que ela sabe atirar as pedras com a fisga?

– Ainda não chegámos a tanto! – disse a mãe, a rir.

– Tu é que disseste que ela andava com sete pedras na mão... Pode ser um perigo...

– Ai isso pode. Mesmo sem fisga.

Desta vez foi o meu pai que, largando o jornal, explicou tudo:

– Usamos a expressão «com sete pedras na mão» quando queremos dizer que alguém nos fala mal, com um ar superior, ou de forma agressiva. E isso tem que ver...

– ...com o Santo António! – exclamei.

– Não, desta vez não. Desta vez, a história passa-se num tempo muito antigo, muito antes do Santo António...

– Antes dos dinossáurios?

– Não, passa-se um pouco depois dos dinossáurios...

– Com os Romanos?

– Boa! Estás a aprender umas coisas! – exclamou o meu pai. – Pois nesse tempo, quando Jesus Cristo andava na terra, castigavam-se as mulheres pecadoras...



– E que pecados eram os delas?

– Depois a tua mãe explica-te os pormenores... Mas, dizia eu, nesse tempo castigavam-se as mulheres atirando-lhes pedras. Enchiam-se as mãos de pedras e era ver quem atirava mais.

– Se leses a Bíblia – murmurou então a Avó Helena, que está sempre a dizer à minha mãe que me devia pôr na catequese –, lembravas-te da história que lá vem de uma mulher que estava a ser assim castigada e que foi salva por Jesus Cristo.

– Pois. E dizem que é daí que vem a expressão «com sete pedras na mão», a querer significar agressividade, maus modos.

Passados uns segundos, o meu pai rematou:

– Mas isto é só o que a tradição diz... Não há certezas nenhuma.

– Mas pelo sim pelo não – disse eu –, o melhor é não passarmos perto da D. Augusta nestes dias mais próximos...



Andar à nora

Ontem, a minha mãe, atirando para cima da mesa toda a papelada que trouxera da empresa, exclamou:

– Já li e reli estes documentos e vou sempre dar ao mesmo.

Estou completamente à nora...

– Tu não estás à nora, tu és nora!

– exclamei eu, certo de estar ali a fazer boa figura.

– A Avó Sara é sempre assim que te chama. A minha nora...

Mais uma vez, todos se riram de mim.

– Claro que sou nora, sou casada com o filho dela. Mas a palavra tem outro significado.

– E não tem nada a ver com as noras da família! – acrescentou imediatamente o meu pai, não fosse ainda sobrar para a mãe dele.

Parece que às vezes a relação entre as noras e as sogras não é lá muito boa...

– Chama-se «nora» – explicou então a minha mãe – a um mecanismo que antigamente se usava para tirar a água





dos poços. Era uma roda de ferro, com pequenos reservatórios chamados alcatruzes, que desciam ao fundo do poço vazios e subiam cheios de água. E a roda andava sempre... a rodar. É por isso que «andar à nora» quer dizer andar sempre à roda do mesmo assunto. – Mas claro – repetiu o meu pai –, não tem nada a ver com as noras e as sogras... – Claro – disse eu. A história ficou por aí, e a minha mãe – que remédio ... – lá voltou à papelada.

Ouvidos de mercador

– Ó pai, o que é um mercador?

O meu pai olhou para mim com aquele ar de espanto com que fica sempre que um adversário mete golo na baliza do Benfica.

– Tu não sabes o que é um mercador?!

– Ó rapaz! – exclamou a Avó Helena. – Não te lembras daquelas histórias que eu te contava quando eras mais pequenino e em que entravam sempre reis e princesas e mercadores? Os mercadores eram os homens que andavam de terra em terra a vender os seus produtos, a sua mercadoria...

– E tinham ouvidos diferentes do resto das pessoas? – perguntei.

De novo o mesmo olhar na cara do meu pai.

– Já percebi tudo... – murmurou a minha mãe. – Alguém deve ter falado ao pé de ti de «ouvidos de mercador».

– O pai do Afonso. Quando esta tarde o foi buscar à escola,

